

Discurso *queer*/cuir como resistência: práxis afirmativa como potência transformadora

MICHELLE GOMES
ALONSO DOMINGUEZ
michelle.alonso@gmail.com

Doutora em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil (2011)
Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0794-2514>

RUAN FELIPE MADELA
LIMA
felipe.ruanmadela@gmail.com

Mestrando em Literaturas de Língua Inglesa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Bolsheiro da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES, Brasil)
ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-6329-8429>

PALAVRAS-CHAVE:
Discurso;
Resistência;
Teoria *Queer*/Cuir;
Performatividade

ARTIGO RECEBIDO A:
05/05/2025
ARTIGO APROVADO A:
14/08/2025

RESUMO: O artigo examina como os discursos *queer*/cuir resistem à hegemonia cisheteronormativa por meio de estratégias discursivas afirmativas, que, ao não se limitarem à negação das normas, afirmam existências desviantes como práticas de resistência. Partimos da constituição e dos deslizamentos do termo “*queer*” como ofensa, identidade e campo de estudos – atentos também à localização do cuir como alternativa discursiva e política em contextos latino-americanos –, compreendendo a relevância desse lastro para o modo como as práticas discursivas desses sujeitos se instituem. Em diálogo com uma ampla gama de estudiosos, dentre os quais destacam-se Fairclough (2016), Austin (1990 [1962]), Butler (2018 [1990]), Preciado (2022) e Valencia (2023), o estudo analisa quatro textos de gêneros e domínios discursivos variados para demonstrar que os discursos *queer*/cuir elaboram-se como oposição à hegemonia a partir de um movimento inverso ao da negação e, assim, reafirmam a torção na qual se originam. Compreender a especificidade da resistência *queer*/cuir enquanto práxis afirmativa que transforma o discurso em espaço de existência, presença e reivindicação política é, portanto, contribuir com as reflexões sobre a resistência a partir de paradigmas mais ativos e potentes de transformação social.



Queer/Cuir Discourse as Resistance: Affirmative Praxis as Transformative Potential

MICHELLE GOMES
ALONSO DOMINGUEZ
michelle.alonso@gmail.com

PhD in Vernacular Letters, Federal University of Rio de Janeiro, Brazil (2011)
Associate Professor at the State University of Rio de Janeiro, Brazil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0794-2514>

RUAN FELIPE MADELA
LIMA
felipe.ruanmadela@gmail.com

Master's student in Literatures in English, State University of Rio de Janeiro, Brazil
Scholarship holder, Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (CAPES, Brazil)
ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-6329-8429>

KEYWORDS:
Discourse;
Resistance;
Queer/*Cuir* Theory;
Performativity.

ARTICLE RECEIVED ON:
05/05/2025
ARTICLE ACCEPTED ON:
08/14/2025

ABSTRACT: This article examines how queer/*cuir* discourses resist cisheteronormative hegemony through affirmative discursive strategies that, rather than limiting themselves to negating norms, assert deviant existences as practices of resistance. We begin with the constitution and shifts in the term queer as insult, identity, and field of study – while also attending to *cuir* as a discursive and political alternative in Latin American contexts –, acknowledging the relevance of this trajectory to the ways in which the discursive practices of these subjects are constituted. In dialogue with a wide range of scholars, including Fairclough (2016), Austin (1990 [1962]), Butler (2018 [1990]), Preciado (2022), and Valencia (2023), this study analyzes four texts from different genres and discursive domains to demonstrate that queer/*cuir* discourses are articulated in opposition to hegemony through a movement that is not merely one of negation but rather of reasserting the very twist from which they originate. Understanding the specificity of queer/*cuir* resistance as an affirmative praxis that transforms discourse into a space of existence, presence, and political claim is, therefore, to contribute to reflections on resistance from more active and powerful paradigms of social transformation.



INTRODUÇÃO

Dedicando-se aos discursos de resistência desde 2020, Dominguez (2025) nota que, independentemente da pauta, a luta contra hegemônica vem se organizando linguística e discursivamente a partir da negação. Para além do “não” – termo mais recorrente em suas pesquisas – os textos materializam a oposição com a hegemonia por variadas estratégias que convocam a presença hegemônica para então contrapor-se a ela. Um desses discursos, entretanto, destaca-se por se elaborar majoritariamente por uma chave diferente: a afirmação. Performados por sujeitos que resistem à normatividade de gênero, os discursos *queer* elaboram-se no sentido de afirmar a existência para produzir oposição.

Interessado em apresentar essa perspectiva, o artigo analisa quatro textos compreendidos como representantes dessa resistência *queer*, a partir de suas relações interdiscursivas (Fairclough, 2016 [1990]) com uma hegemonia cisheteronormativa e do tipo de ato ilocutório (Austin, 1990 [1962]) que realizam. Para tanto, iniciamos o percurso reflexivo pelo processo de ressignificação do termo *queer* e suas apropriações no contexto latino-americano, passando pela instituição de campos de estudos sociológicos e linguísticos, pois compreendemos que esse lastro se relaciona à articulação distinta que esses discursos produzem em relação à hegemonia. Auxiliam-nos nesse percurso autores como Judith Butler (2018 [1990]), Paul Preciado (2022 [2020]) e Sayak Valencia (2023 [2015]).

Ao discutir manifestações culturais, memes e performances artísticas, buscamos evidenciar como a resistência produzida pelos discursos *queer/cuir*, longe de apenas reagir, propõe mundos possíveis e reorganiza os sentidos sobre identidade, corpo e desejo, tensionando o que se entende como natural, normal ou legítimo na ordem social vigente.

1. PERCURSO DO TERMO “QUEER”

A curiosa vida da palavra *queer* talvez seja uma comprovação exemplar das dinâmicas discursivas que pautam a existência social perante a língua. O termo, de origem múltipla, pode ser rastreado de ligações germânicas a partir do sintagma “*twerh*” (significando “oblíquo”) de raízes protoindo-européias com “*terkw*” (“virar, torcer”) ou até mesmo do latim “*torquere*”, como expõe a ativista Sayak Valencia (2023, p. 15-16). Em uma perspectiva distinta, mas complementar, a palavra por si só possui uma história marcadamente britânica.

Saindo do Indo-Europeu para o irlandês antigo “*cúar*”, o pesquisador William Sayers determina a etimologia do vocábulo que desde seu surgimento já descrevia o senso de “curvado”, “dobrado”, “torto”. Naquele contexto a palavra estava mais próxima de um uso referente a armas e a topografias, mas o uso como adjetivo pessoal para fisicalidade já se fazia presente. É no início da modernidade com o “*quair*” do Hiberno-English¹ que a designação passou a singularizar indivíduos. O termo ganhou as conotações de “esquisito”, “estranho”, “raro”, “ridículo” e “excêntrico” e chegou no inglês propriamente dito no século XVI através do escocês (“*queir*”) e da tradução da *Aeneida* de Virgílio pelo poeta e bispo da Escócia Gavin Douglas em 1513 (Sayers, 2005, p. 16).

Ilustremente, uma das primeiras vezes que o termo foi ligado a sexualidades dissidentes aconteceu no julgamento em 1895 de Oscar Wilde, autor de *O retrato de Dorian Gray* (1890), por indecência e sodomia movido por John Sholto Douglas, o Marquês de Queensberry. Amante de Lord Alfred Douglas, filho de Queensberry, Wilde acabou condenado depois de um processo sensacionalista, foi preso e se viu exilado na França antes do fim da vida. É em uma carta de John Sholto relatando a atividade de Wilde com seu filho que o marquês se refere ao escritor e seus amigos como “*Snob Queers*”² (Clarke, 2021).

1. Uma fusão entre inglês e irlandês que cria um “dialeto híbrido”. Para mais, ver: Cuchierato, 2000.

2. “Queers esnobes”, em tradução livre.

O termo então carregou e carrega a sombra de Wilde. Alan Sinfield, em sua pesquisa que correlaciona a palavra e o escritor britânico, entende que apesar da maneira “afeminada” que o autor se apresentava sob a nomenclatura “dândi” (Sinfield, 1994, p. 2) e das personagens ficcionais de Wilde terem virado paradigmas da figura queer da metade do século XX — “afetados, camp, de boa educação, com apreços estéticos, amorais, espirituosos, despreocupados, charmosos, maldosos” (Sinfield, 1994, p. vi, tradução nossa)³ — a homossexualidade do escritor e sua apresentação social só foram correlacionadas ao *queer* a partir de seu julgamento no final da era vitoriana e com maior intensidade no período seguinte. Para Sinfield “Wilde era percebido como afeminado, com certeza; mas não, logicamente, como *queer*. Na metade do século XXI feminilidade e *queerness* se tornaram praticamente sinônimos, assim como o resto dos modos Wildeanos” (1994, p. vii, tradução nossa)⁴.

Um dos primeiros a utilizarem-se do termo como ofensa sexualmente marcada foi o autor Arnold Bennett em 1915, crítico publicamente conhecido por sua rivalidade e condenação das maneiras artísticas e relações privadas do “*Bloomsbury Group*”. A comunidade de escritores, pintores e intelectuais ingleses encabeçados por Virginia Woolf desafiava as normas da sociedade britânica da época e a autora se tornou um grande paradigma para os estudos *queer* com seu romance focado na androgenia, *Orlando* (1928). Bennet, contrário às revoluções propostas pelos membros de Bloomsbury os descreveu como “[...] uma imensa reunião de estudantes de arte, pintores, e pessoas *queer*. Meninas em roupa masculina luxuosas, danças queer, etc”⁵, o que a teórica do modernismo Jane Goldman entende como “Tendo testemunhado a arte e pacifismo produzida por Bloombury [...] o relato de Bennet daquela noite [...] conclui com um vislumbre do baile de máscara, [...] e sexualidades *queer*” (Goldman, 2018, p. 164, traduções nossas)⁶.

3. No original: “They are effete, camp, leisured or aspiring to be, aesthetic, amoral, witty, insouciant, charming, spiteful, dandified”.

4. No original: “Wilde was perceived as effeminate, to be sure; but not, thereby, as queer. In the mid twentieth century, effeminacy and queerness became virtually synonymous, along with the rest of the Wildean manner”.

5. No original: “[...] an immense reunion of Art Students, painters, and queer people. Girls in fancy male costume, queer dancing etc” (Goldman, 2018, p. 164).

6. No original: “Having witnessed the Bloomsbury related art and pacifism [...] Bennett’s account of his evening [...] concludes with a glimpse of Bloomsbury masquerade, [...] and queer sexualities too”.

Como insulto, o termo ganha força através do século XX para ser finalmente questionado após 1960 e os eventos de Stonewall, que marcaram a história dos movimentos de sexualidade dissidentes e, segundo Beirutti (2010, p. 22), alteraram a produção gay e lésbica de maneira “pre-Stonewall e post-Stonewall”. Após o ocorrido, além da severa crise de HIV/AIDS que impactou a população durante os anos 1980 e vitimizou um grande número de indivíduos LGBTQIA+, o termo queer começou seu processo de retomada. Foi nos anos 1990 que ativistas da AIDS *Coalition to Unleash Power* (ACT UP) mudaram de nome para “*Queer Nation*”, um processo que viria ainda mais à consciência pública com a série de televisão britânica *Queer as Folk*, criada por Russel T. Davies, e refeita para a audiência estado-unidense no ano seguinte (e conhecida no Brasil como *Os assumidos*), além do *reality-show* de 2003 *Queer Eye For The Straight Guy* (Clarke, 2021).

2. CAMPOS DE ESTUDO QUEER

Esse processo foi fortalecido academicamente com a criação dos Estudos *Queer*⁷ a partir das fomentações teóricas dos Estudos Gays e Lésbicos. Em uma história do movimento, Matt Brimm traça a contribuição de Teresa de Lauretis, que cunhou o termo “*queer theory*” para uma conferência acadêmica em 1990 na Universidade da Califórnia em Santa Cruz, nos Estados Unidos. A professora visava que o termo se distinguisse das teorias sexuais apresentadas como gay e lésbicas e estabelecesse uma distância crítica, como relata Steven Epstein (1994, p. 196). No mesmo ano acontece também a publicação da primeira edição de *Problemas de Gênero* (2018 [1990]) de Judith Butler, marco teórico importantíssimo da teoria feminista que, em sua prática *queer*, trazia o questionamento dos atos de performance através de uma abordagem linguística-social de enunciação, marcada na ordem hétero-patriarcal vigente e passível de subversão. Brimm, agora com certa vantagem da perspectiva histórica, entende que o movimento acadêmico-social

7. *Queer Studies* em inglês.

[...] achou sua prática institucional fazendo não só que diferenças integrais de sexo e gênero fossem questionadas amplamente, mas também, ao mesmo tempo, se recusando a localizar sexo e gênero como necessariamente objetos de estudo centrais e fixos. A teoria *queer* poderia ir para qualquer lugar (Brimm, 2020, p. 91, tradução nossa).⁸

8. No original: “It found its institutional footing not only by making sex and gender differences integral to broad swaths of academic inquiry but also, simultaneously, by refusing to locate sex and gender as necessarily central, fixed objects of study. Queer theory could go anywhere.”

Logo, a teoria *queer* tem como propósito uma investigação da construção da heteronormatividade. Nesse sentido, o sistema hétero-patriarcal é entendido como uma construção que marginaliza os que com ela não se identificam. Essa heteronormatividade é constituída por regras, produzidas nas sociedades, que controlam o sexo dos indivíduos e que, para isso, precisam ser constantemente repetidas e reiteradas para dar o efeito de substância, de natural. Adotar uma perspectiva *queer* é, acima de tudo, ter uma visão crítica dos discursos sobre sexualidade que normatizam uns e marginalizam outros. O gênero é tomado como efeito discursivo (mantido/ fortalecido por instituições como o direito, a medicina, a família, a escola e a língua) que produz corpos-machos e corpos-fêmeas, obscurecendo outras possibilidades.

É por isso que Paul Preciado (2022 [2020]), como homem trans não-binário a partir e em conjunto com as produções de Monique Wittig e Judith Butler, estabelece que o regime de diferença sexual é um discurso político distante de qualquer “realidade natural” (Preciado, 2022, p. 11-12). O teórico *queer* se vê para além das crenças estabelecidas pela heteronormatividade discursiva e, fora deste sistema, é o “[...] monstro que vos fala” (Preciado, 2022, p. 14). Portanto, como posto por Guacira Louro, “*queer* significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier [...]. *Queer* representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora” (Louro, 2001, p. 546).

É com os atos de fala estabelecidos por J. L. Austin que a teoria *queer* encontra sua base de argumentação discursiva, estabelecendo a comprovação de um sistema de “verdades” de gênero e sexualidade construídos pela sedimentação de atos repetitivos. Como Butler estabelece,

As regras que governam a identidade inteligível, i.e., que facultam e restringem a afirmação inteligível de um “eu”, regras que são parcialmente estruturadas em conformidade com matrizes da hierarquia do gênero e da heterossexualidade compulsória, operam por repetição. De fato, quando se diz que o sujeito é constituído, isso quer dizer simplesmente que o sujeito é uma consequência de certos discursos regidos por regras, os quais governam a invocação inteligível da identidade. O sujeito não é determinado pelas regras pelas quais é gerado, porque a significação não é um ato fundador, mas antes um processo regulado de repetição que tanto se oculta quanto impõe suas regras, precisamente por meio da produção de efeitos substancializantes. Em certo sentido, toda significação ocorre na órbita da compulsão à repetição; a “ação”, portanto, deve ser situada na possibilidade de uma variação dessa repetição (Butler, 2018, p. 203).

Em correlação, Austin é um dos autores que estabelece o conceito de performatividade que encontramos em Butler e através dos estudos subsequentes da teoria *queer*. Em *Quando dizer é fazer* (1990 [1962]), o autor parte da constatação da existência de uma oposição entre performativos e constativos, para se dedicar ao estudo da medida em que *dizer algo é realizar algo*.

Em sua análise comparativa dos autores, a pesquisadora Jade Bueno Arbo (2021) evidencia a mudança de perspectiva do filósofo. Austin passa da dualidade citada acima para o entendimento de que as ações linguísticas são todas performáticas em si, o que leva a criação de novas categorizações de atos: locucional (a emissão sonora), ilocucional (ação realizada com o que foi

dito) e perlocucional (a ação feita pelo enunciador). É relevante ressaltar que esses mecanismos acontecem simultaneamente em todos os tipos de proferimento:

[...] qualquer enunciação tem uma dimensão ilocutória (ou ilocucionária); o “ilocutório” é portanto um conceito mais abrangente que o “performativo”. [...] existe uma força ilocutória que indica que tipo de ato de linguagem é realizado quando se enuncia, como ele deve ser recebido pelo destinatário [...] (Austin, 1990, p. 85).

Com a repetição de atos linguísticos performáticos, categorias como a de gênero se estabilizam socialmente. Butler (2018) parte do pressuposto de que é necessária a constante reafirmação através da linguagem para que tais restrições identitárias se fortaleçam e ganhem a aparência de estável. Esses atos seriam realizados não apenas por um sistema social interessado que tais categorias se mantenham, como também dependem do próprio indivíduo. Dessa forma a participação e agência do enunciador ou do interlocutor são de extrema importância para Butler. É através da capacidade individual de resignificação que a teoria desenvolvida em *Problemas de gênero* consegue entender as performances paródicas de *drag queens* e *drag kings* como atos que dobram o sistema de cristalização de significados que ocorrem através da fala.

Nesse sentido, o ato locucional realizado pelo proferimento da palavra “*queer*” chega com uma força ilocutória que o indivíduo pode reverter, mudando a frequência do ato enunciativo. A ação enunciativa então é sequestrada para dispor de outros valores performáticos, quebrando o pacto da estabilidade de sentidos linguísticos e sociais. É importante ressaltar que tal modo de resignificação não ocorre de maneira fácil e necessita de uma mobilização mais ampla que a do indivíduo singular; contudo, é por meio da capacidade de mudança única que esse processo pode ocorrer. Como estabelecido por Arbo (2021, p. 265-266),

É assim que Butler estabelece sua visão de sujeito constituído na e pela linguagem: inaugurado a partir de interpelações, atos de fala sem valor de verdade, e sim dotados de poder de gênese. Sua concepção de gênero é consoante com sua concepção de sujeito, sendo o gênero de um sujeito ao mesmo tempo inaugurado e mantido por atos de fala, mas atos estes não deterministas, pois podem ser ressignificados, citados de outras formas. Constatamos que, ao invés de teorias paralelas que tratam de questões semelhantes, a visão performativa da linguagem de Austin se mostra essencial para o desenvolvimento da noção de performatividade do gênero em Butler e, com ela, sua noção de sujeito. Assim, ao possibilitar a ideia de linguagem enquanto ação, Austin se constitui em um precursor que possibilita desdobramentos talvez por ele jamais imaginados.

Assim, com o advento da teoria *queer*, as identidades não normativas têm sido discutidas sob um novo prisma. Causando uma adaptação sísmica pelos estudos de identidade e sociedade, pesquisadores/as de diversas áreas precisam questionar as perspectivas tradicionais que têm norteado as investigações sobre sexualidade, pautadas por categorias sexuais estanques e hegemônicas, nas ciências humanas. As origens linguísticas que possibilitaram as análises *queer* de Butler, por exemplo, apontam para a necessidade e importância do aprofundamento e subversão de como as operações de enunciação mobilizam os sistemas sociais de gênero e sexualidade.

Nessa esteira, a Linguística *Queer* surge para inquirir a discursividade de pessoas lidas para fora do sistema hétero-patriarcal. Como posto por Iran Melo (2020), a compreensão do fazer identitário dentro das limitações de uma língua marcada pelas cristalizações semânticas é de caráter importantíssimo, justamente pelas possibilidades de “dobra” dos atos enunciativos. O ponto é compartilhado por Rodrigo Borba (2015), que também entende a necessidade da in-

investigação dos discursos dominantes pela perspectiva linguística a partir de fenômenos macro-sociológicos e os desafios que são apresentados ao sistema da heteronormatividade.

A linguística *queer/cuir* emerge, então, como campo teórico-metodológico comprometido com a escuta das dissidências e com a análise das formas pelas quais a linguagem pode se tornar um instrumento de subversão e reinvenção.

3. QUEER OU CUIR?

O movimento *queer* não é isento de disputas e o desafio de normas internas está prescrito em sua própria perspectiva política. Logo, a contribuição de teóricos/as latino-americanos/as sobre o termo e sua origem anglófonas é de grande relevância. Em um contexto do sul global, no qual o inglês é também uma língua imperial e de dominação, o uso do estrangeirismo entra em questão. Sayak Valencia (2023) também explicita algumas das questões que o uso acrítico de *queer* pode levantar, marcando principalmente a perda do peso histórico que a palavra possui nos contextos de língua inglesa quando vertido para o português, por exemplo. Ganhando uma dimensão de “prestígio”, justamente por ser uma palavra estrangeira, o termo se vê sem o seu passado pejorativo que é importante para as práticas não-assimilacionistas do movimento. O ato subversivo essencial para o fazer político contra o sistema de diferenciação de gênero, portanto, perde-se no caminho de imposição linguística anglófona.

Valencia (2023, p. 16), inclusive, argumenta por uma contra história do termo, descentralizando seu *copyright* inglês e visando um resgate de suas possíveis origens latinas. A leitura etimológica possível da palavra vive em vizinhança com sua história também marcadamente britânica, na qual a literatura inglesa e suas figuras mais subversivas, como Wilde e Woolf, vieram-se sendo os primeiros destinatários públicos de um ato ilocucional sexualmente ofensivo

por meio do termo. O movimento de Valencia é válido, principalmente junto de uma retomada e proposta alternativa para contextos latino-americanos, mas também é necessário considerar a historiografia evolutiva que queer carrega em seus contextos ingleses. É por causa desse cenário imperial e dos sistemas linguísticos britânicos que incursionaram no vocábulo suas conotações de perversão moral que se faz necessária uma apropriação da palavra em contextos nos quais essa história é sobreposta a outros fatores que lhe roubam a possibilidade de subversão contínua.

Cuir é proposto, então, como a derivação fonética (desviada/imprópria) do termo queer. Desvio que busca afirmar-se como forma legítima e que desafia os sistemas de enunciação hegemônicos. A forma convida à apropriação, recodificação e desobediência verbal; para a localização da língua com o propósito de escrever em outros termos, mais oportunos ao presente, que oponham resistência verbal e local. Mantendo-se leal às propostas de curvatura, estranhamento, excentricidade da palavra, “o seu devir *cuir* no contexto da América Latina está ligado à demanda: dar ao torcido uma torção a mais” (Valencia, 2023, p. 29).

4. RESISTÊNCIA QUEER/CUIR COMO PRÁXIS DE AFIRMAÇÃO

No senso comum e nos dicionários, a palavra “resistência” tem seu sentido vinculado a uma oposição genérica. Resiste aquele/aquilo que reage ou se mantém diante de uma força contrária. Tomada nesses termos, a resistência poderia ser atribuída a qualquer discurso que reage a outro, impondo-se como oposição. Reivindicamos, no entanto, um sentido ideológico, social, político, cultural e discursivo da resistência, que envolve o reconhecimento de relações de poder específicas e a concebe enquanto movimento contra hegemônico (Fairclough, 2016 [1992]).

Nesses termos, em nossa sociedade, toda prática discursiva calcada em uma ordem discursiva capitalista, neoliberal, cristã, patriarcal, racista, cisheteronormativa é concebida como hegemônica, enquanto toda prática discursiva que atua no desvelamento/embate dessas relações de poder, institui-se como prática contra hegemônica e, conseqüentemente, como discurso de resistência. Assim, compreendido no contexto de um movimento de dissidentes sexuais e de gênero que resistem às normas impostas pela sociedade heterossexual dominante (Preciado, 2018), o discurso *queer* institui-se como resistência.

A partir da premissa teórica de que a resistência só se institui em oposição à hegemonia, é inevitável considerar que essa relação (oposição x hegemonia) se realiza pela interdiscursividade que, de maneira manifesta ou não, constitui os textos. Mais do que isso, construídos no confronto ou repúdio à hegemonia, não é surpreendente que a hegemonia apareça nesses discursos pela sua negação, já que “as frases negativas carregam tipos especiais de pressuposição que também funcionam intertextualmente, incorporando outros textos apenas para contestá-los ou rejeitá-los” (Fairclough, 2016, p. 163).

A partir de variados estudos dedicados ao discurso de resistência nas redes sociais digitais, Dominguez (2025) reconheceu uma práxis da negação como constitutiva dos textos analisados. Materializada por diferentes recursos linguístico-discursivos, a negação atua didaticamente nesses textos esclarecendo sobre as relações de poder e promovendo a conseqüente desnaturalização da ideologia, mas acaba por se restringir a uma performatividade de denúncia e de convocação, sem instituir em si a mudança que reivindica. De modo diverso, a resistência se institui nos discursos *queer* de modo afirmativo, já que a relação de alteridade com a hegemonia se constrói por uma relação interdiscursiva sem rastros textuais. É na afirmação da existência desviante (em atos ilocutórios assertivos e diretivos) que esses corpos existem/resistem.

O primeiro exemplo em que abordaremos essa especificidade da resistência *queer-cuir* é uma obra de Bia Leite (2013), que faz parte da série *Criança viada*, apresentada em várias exposições pelo Brasil, incluindo a polêmica *Queermuseu*⁹, realizada em 2017, no Santander Cultural, em Porto Alegre. De acordo com a artista, a série foi inspirada pelo Tumblr homônimo, em que o jornalista Iran Giusti reunia fotografias de infância (suas, de amigos e, posteriormente, de pessoas que as ofereciam) que registravam poses diferentes e divertidas, acompanhadas de legendas.



9. A exposição *Queermuseu - Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*, com curadoria de Gaudêncio Fidelis, ficou em cartaz durante aproximadamente um mês no Santander Cultural, em Porto Alegre. Reunindo 270 trabalhos de 85 artistas que abordavam a temática LGBT, questões de gênero e de diversidade sexual, a exposição foi cancelada após uma onda de protestos nas redes sociais que acusavam as obras de promover blasfêmia contra símbolos religiosos e de fazer apologia à zoofilia e pedofilia. Conferir em: Santander: *Queermuseu: O dia em que a intolerância pegou uma exposição para Cristo* | Brasil | EL PAÍS Brasil

Figura 1 - “Criança viada”

Fonte - Warke, 2017.

Assim como no Tumblr original, na obra de Bia Leite, o termo “viada” compõe a expressão “criança viada” a partir de uma força ilocutória de identificação positiva que torce o sentido hegemônico da ofensa, sem o uso de uma expressão de negação marcada. Ao canibalizar “viada” para identificar crianças felizes que se expõem com orgulho, desviantes das formações imaginárias de gênero, no caso da obra em análise, especificamente da masculinidade (saia, cores, gestos, ritmo, divindade, fluidez), a hegemonia heteronormativa se reduz à ausência – recuperável apenas em interdiscurso – que dá luz a essas existências.

Ausência similar se observa no meme, viralizado em 2020, em que uma pessoa jovem usa como legenda de uma fotografia um fragmento da música “Só o amor”, de Preta Gil, com participação da cantora drag Glória Groove.

Figura 2 - Meme “Ela faz o [...] dela”

Fonte - @josycamp0s



No texto da figura 2, o corpo jovem e desviante manifesta-se no encontro entre formações imaginárias de masculino e feminino: enquanto as roupas performam uma masculinidade física em calça azul e blusa branca; a pose, a flor no cabelo e os pronomes performam índices de uma feminilidade inescapável. Essa composição não só embota as barreiras binárias forjadas por esses estereótipos, como constrói um sujeito ativo e potente – que “faz o destino” –, reduzindo a presença de uma hegemonia binária à sua desconstrução. Não se trata de nenhum registro de negação marcado, mas de uma ausência recuperada interdiscursivamente que sustenta a afirmação.

Movimentos similares compõem o texto analisado a seguir.



Figura 3 - “Rock Psicolésbico”

Fonte -Twitter/X

Na postagem da figura 3, vemos a exaltação da performance “sapatão” ser elaborada tanto a partir do texto, quanto da imagem em intertexto do álbum da artista Roberta de Razão. Construção paronímica com a expressão “coberta de razão”, a denominação da artista anunciada já impõe sua posição de assertividade e certeza. Na foto, ela exhibe seu corpo tatuado, gordo e não depilado, trajando biquini preto, boné e óculos escuros. Descalça, ela comanda o churrasco e anuncia o título de seu álbum de “rock psicolésbico”: “Vamos desquitar”. Como na figura anterior, a junção de elementos estereotipicamente associados à feminilidade (corpo desnudo, biquini) e à masculinidade (pelos, boné, fazer churrasco) em uma sociedade predominantemente hétero e binária produz o apagamento desses limites, impondo-se como existência e, ao fazê-lo, produz resistência.

No que refere ao texto, a exaltação ocorre pelo uso dos vocábulos “orgulho” e “ícone” associados à “sapatão” – o dia e a artista. Mais uma vez, estamos diante de uma torção do valor ofensivo de um termo que, em uma ordem discursiva heteronormativa hegemônica, identifica mulheres lésbicas. Une-se a isso a força ilocutória diretiva que constitui o texto no sentido de convocar/convidar a coenunciadora a apoiar e escutar “artistas sapatãs” – destacando-se aqui o uso do termo sapatão no feminino.

Ainda em relação ao uso de recursos linguísticos, importa notar o vínculo técnico instaurado a partir das hashtags. Como tecnopalavras (Paveau, 2020), elas reúnem todas as ocorrências na web e instituem assim uma espécie de campo semântico rastreável sobre os termos. Nesse sentido, além de colaborar para a relevância das hashtags #pridemoth, #pride e #queer – tendo em vista a definição numérica dos *trend topics* –, alimentam a paisagem digital com construções de valor positivo a uma #sapatão menos consensual.

A presença é mote para a própria existência do Fado Bicha, cuja rica produção está aqui representada pelo filme da canção “Estourada”.

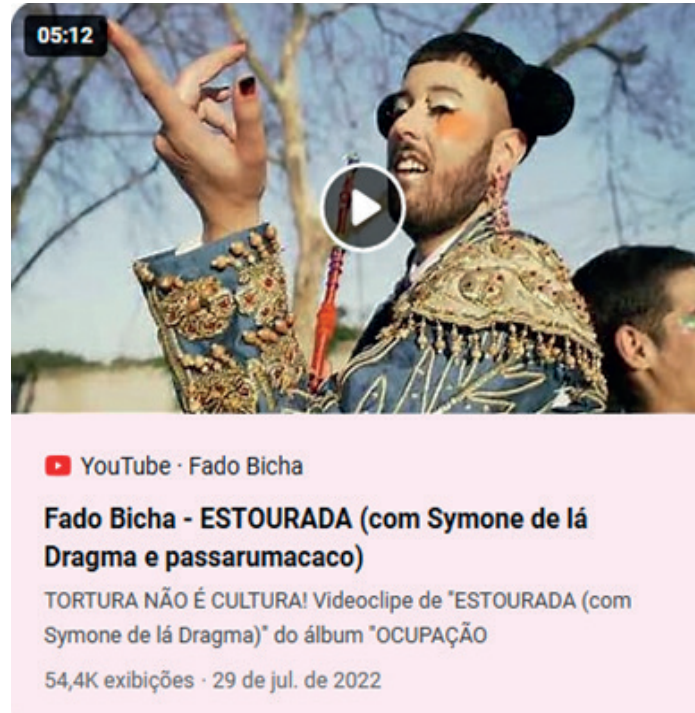


Figura 4 - Print do vídeo “ESTOURADA”, de Fado Bicha

Fonte -Fado Bicha (2022a)

“Estourada” é a segunda canção do álbum *Ocupação*, lançado em 2022 pelo duo musical Fado Bicha, formado por Lila Fadista e João Caçador. Sobre o álbum, informam:

O título do álbum traduz um duplo movimento. Por um lado, o projeto Fado Bicha simboliza a ocupação de um património ao qual as pessoas como nós acederam apenas condicionalmente ao longo do tempo ou, pelo menos, desde que há registos que permitem

traçar uma história do fado. As pessoas lgbti, embora façam parte dessa história e também da prática atual do fado, dificilmente puderam criar e deixar um legado artístico que refletisse integralmente as suas experiências e identidades.[...] Por outro lado, o título reflete também a própria ideia de trabalho, de prática contínua, articulando a liberdade e a ideia de responsabilidade individual e coletiva, que é como encaramos a pesquisa e a ação ativista que subjazem ao nosso projeto. (Fado Bicha, 2022b)

No vídeo de lançamento da canção, que conta ainda com a participação da drag queen Simone de la Dragma, vemos a dupla vestida com roupas tradicionalmente usadas por toureiros, cantando uma letra de rechaço à prática das touradas, previamente sinalizada pela relação homônima do título com “ex-tourada” (a que já não é mais). A crítica, entretanto, não se restringe a isso. Maquiades, com sapatos de salto alto e adornados com longos brincos e unhas pintadas, Lila e João mesclam estereótipos de masculinidade e feminilidade para compor uma performance não-binária e bicha que se impõe como existência e, ao fazê-lo, institui-se como resistência.

Na letra da canção, há dois fragmentos que identificam essa existência. Na primeira delas, a abertura da canção identifica enunciadores:

Nós, do fado abichanado
Somos touro. E viado
Do chão, levantado
Feroz e armado
De canções, um punhado
Manifesto, advogado

Até que o último touro ao prado

Seja roubado

Pra ser torturado

(Fado Bicha & Symone de lá Dragma, 2022).

Identificados como “fado abichanado”, “touro” e “viado”, os sujeitos se elaboram a partir da associação dos campos semânticos da fauna e da orientação sexual (próprias do deslizamento metafórico no sentido da ofensa para “viado”). Aqui, mais uma vez, a canibalização se instaura pela apropriação positiva dos termos “bicha” (base da construção abichanado) e “viado”, caracterizados como resilientes (“do chão, levantado”), ferozes, ativos (armado / De canções, um punhado) e persistentes (“até que o último touro ao prado/Seja roubado/Pra ser torturado”). Presença estranha ao fado e às touradas, esses sujeitos reivindicam assim sua posição pela afirmação/exaltação do que/como são.

A ação e o poder desses sujeitos são ainda reforçados nos últimos versos da canção, onde ouvimos:

E depomos o reinado

Do homem-deus sagrado

Coitado, coitado

Frágil macho ritualizado

Protegido num noivado

De conquista e mercado

Nesse velho império malvado

Do controlo e do privado

Colónia, ouro, bispado

Propriedade e pecado

Propriedade e pecado

(Fado Bicha & Symone de lá Dagma, 2022).

São eles os responsáveis pela deposição “Do homem-deus sagrado” cujo poder, apesar da aparente soberania – afinal “deus” e “sagrado” –, é descortinado pelo olhar piedoso (“coitado, coitado”) de quem o vê apenas “Frágil macho”, como construção ritual de uma sociedade organizada a partir dos parâmetros dos versos que se seguem. Nesse texto, como em todos os outros analisados aqui, a hegemonia cisheteronormativa é negada pela força assertiva das existências que se afirmam e se fortalecem, empurrando a margem em direção ao centro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A articulação entre linguagem, identidade e resistência, proposta pelas perspectivas queer/cuir, evidencia a potência dos discursos dissidentes em tensionar e desestabilizar os regimes normativos. Como demonstrado nesse estudo, apropriando-se de termos historicamente ofensivos como “viado”, “sapatão” ou mesmo “*queer*”, sujeitos desviantes ressignificam essas expressões por meio de atos ilocutórios assertivos e diretivos com valores positivos e conformam um movimento que, mais do que denunciar a ordem hegemônica, afirma existências outras – desobedientes, excêntricas, monstruosas – que operam em uma lógica de presença e não apenas de oposição.

Ao analisar manifestações diversas, como memes, postagens em rede social e performances artísticas, evidenciamos que a resistência *queer/cuir* não se apoia na negação da norma, mas da construção positiva de novos sentidos. É nessa força de afirmação que reside a especificidade desses discursos como prática contra hegemônica: não se trata apenas de apontar o que não se é ou de denunciar o que oprime, mas de afirmar o orgulho de ser, reivindicando o direito de existir de maneira torta, dobrada, extravagante.

Pela torção semântica, observamos a dimensão profundamente política da performatividade, que possibilita ao sujeito – para além de efeito das normas discursivas – agir sobre elas, reinscrevendo sentidos e inaugurando possibilidades. Buscamos assim demonstrar que os discursos *queer* oferecem uma chave analítica e política relevante para a resistência no sentido de pensar e praticar a desobediência epistemológica e discursiva frente à hegemonia.

REFERÊNCIAS

- Arbo, J. B. (2021). Performance e performatividade: aproximações entre Judith Butler e J. L. Austin. *PROLÍNGUA*, 16(2), 256–266. <https://doi.org/10.22478/ufpb.1983-9979.2021v16n2.58805>
- Austin, J. L. (1990). *Quando dizer é fazer* (D. M. P. Silveira, Trad.). Artes Médicas. (Obra original publicada em 1962)
- Beirutti, E. B. (2010). *Gays, lésbicas, transgenders: O caminho do arco-íris na cultura norte-americana*. EdUERJ.
- Borba, R. (2015). Linguística queer: uma perspectiva pós identitária para os estudos da linguagem. *Revista Entrelinhas*, 9(1), 91-107. Recuperado de: <https://revistas.unisinos.br/index.php/entrelinhas/article/view/10378>
- Brim, M. (2020). The House That Queer Theory Built: The low-class problems of high-class queer theory. *The Baffler*, 53, 90–98. Recuperado de: <https://thebaffler.com/salvos/the-house-that-queer-theory-built-brim>
- Butler, J. (2018). *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade* (16a ed.; R. Aguiar, Trad.). Civilização Brasileira. (Obra original publicada em 1990)
- Clarke, M. (2021, 9 de fevereiro). “Queer” history: A history of Queer. *The National Archives*. <https://blog.nationalarchives.gov.uk/queer-history-a-history-of-queer/>
- Cuchierato, G. (2000, 10 de julho). Irlandês também fala “hiberno english”. *Folha de S. Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/turismo/fx1007200013.htm>
- Epstein, S. (1994). A Queer Encounter: Sociology and the Study of Sexuality. *Sociological Theory*, 12(2), 188–202. <https://doi.org/10.2307/201864>
- Fado Bicha. (2022). *Ocupação* [Álbum]. Fado Bicha.
- Fado Bicha, & Symone de lá Dragma. (2022). *Estourada* [Canção]. Em *Ocupação*. Fado Bicha.
- Fado Bicha. (2022, 29 de julho). Fado Bicha - ESTOURADA (com Symone de lá Dragma e passaru-macaco) [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=rVbTfyRd7Yg>
- Fairclough, N. (2016). *Discurso e mudança social* (I. V. Assumpção, Trad.). Editora UNB. (Obra original publicada em 1992)
- Gil, T. B. (n.d.). *Criança Viada*. #MUSEUdeMEMES. Recuperado em 30 de abril de 2025, de <https://museudememes.com.br/collection/crianca-viada>

Goldman, J. (2018). Queer Woolf: Queer Approaches and Creative-Critical Research – Queer Woolf: Two Poems and a Preamble. In N. Wilson & C. Battershill (Orgs.), *Virginia Woolf and the world of books*. Clemson University Press.

Louro, G. L. (2001). Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. *Revista Estudos Feministas*, 9(2), 541–553. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200012>

Melo, I. F. (2020). *Linguística queer que tiro é esse, viado?: corpos dissidentes, corpos resistentes: do caos à lama...* Realize Editora. Recuperado de <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/65120>

Paveau, M.-A. (2020). *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas* (L. N. de M. Ribeiro, Trad.). Pontes.

Preciado, P. (2020). *Um apartamento em Urano: Crônicas da travessia* (E. Aguiar, Trad.). Zahar.

_____(2022). *Eu sou o monstro que vos fala: Relatório para uma academia de psicanalistas* (V. S. Alves, Trad.). Zahar.

Sayers, W. (2005). The Etymology of Queer. *ANQ: A Quarterly Journal of Short Articles. Notes and Reviews*, 18(2), 17–19. <https://doi.org/10.3200/ANQQ.18.2.17-19>

Seara, I. R., & Dominguez, M. G. A. (2025). Faire de la résistance dans les réseaux sociaux: les discours numériques et leurs outils de lutte. *Synergies Italie*, (21), 121-147. Recuperado de: <https://gerflint.fr/synergies-italie/103-pages-synergies/323-synergies-italie-21>

Sinfield, A. (1994). *The Wilde Century: Effeminacy, Oscar Wilde and the Queer Moment*. Columbia University Press.

Valencia, S. (2023). Do Queer ao Cuir: Geopolítica do estranhamento e Epistêmica do Sul Global. *Caderno Espaço Feminino*, 36(1), 14-35. <https://doi.org/10.14393/CEF-v36n1-2023-3>

Warke, J. (2017, 14 de setembro). Criança Viada: o que está por trás da obra que gerou revolta?. *Claudia: Cultura*. <https://claudia.abril.com.br/cultura/crianca-viada-o-que-esta-por-tras-da-obra-que-gerou-revolta/>

